

THE UNABOMBER: ESTUDO DE CASO E PERSPECTIVAS ACERCA DO AMBIENTALISMO RADICAL

THE UNABOMBER: CASE STUDY AND PERCEPTIONS ON THE RADICAL ENVIRONMENTALISM

*Julia Alves da Costa**

*Vinícius Volcof Antunes**

*Yuri Marcos Alves da Costa**

Cite este artigo: ANTUNES, Vinícius Volcof; COSTA, Julia Alves da; COSTA, Yuri Marcos Alves da. The Unabomber: estudo de caso e perspectivas acerca do ambientalismo radical. **Revista Habitus:** Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.111-125, maio. 2018. Semestral. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus>>. Acesso em: Maio. 2018.

Resumo: A partir da biografia e das ações de Theodore Kaczynski, um ex-professor universitário que se notabilizou por atentados terroristas justificados pela causa ambiental, propomos uma discussão sociológica sobre a vertente radical do ambientalismo. No presente artigo, o livro *Sociedade Industrial e Seu Futuro*, escrito por Kaczynski, será norteador do debate sobre temas como a relação entre indivíduo e natureza, coesão social, processos de poder, alienação, degradação e a sociedade de risco na modernidade.

Palavras-chave: Ambientalismo radical; Sociologia ambiental; Sociedade industrial; Wild nature.

Abstract: From Theodore Kaczynski's biography and actions, a former professor who distinguished himself by terrorist attacks justified by the environmental cause, we propose a sociological discussion about the radical aspect of environmentalism. In this article, the book *Industrial Society and Its Future*, written by Kaczynski, will guide the debate on topics such as the relationship between men and nature, social cohesion, power processes, alienation, degradation and risk society in modernity.

Keywords: Radical environmentalism; Environmental sociology; Industrial society; Wild nature.

É sabido que a aurora da sociologia enquanto área do conhecimento se deu na esteira da modernidade e dos problemas advindos dela, e que suas vertentes originárias se esforçavam na tarefa de afastar seus conhecimentos das percepções do senso comum e em críticas ao determinismo geográfico, ainda influente naqueles tempos, lutando fortemente para se estabelecer enquanto “ciência do homem”.

Na contemporaneidade, contudo, diante de diversas vertentes de releitura e problematização dos saberes das humanidades, tais como o perspectivismo, o relativismo antropológico e o revisionismo historiográfico, a sociologia também tem encontrado meios para se curar de certos vícios, como o antropocentrismo, e encarar novas perspectivas de análise.

Nessa luz, pretendemos empreender aqui o esforço de análise da figura de Ted Kaczynski (1942), matemático e ex-professor de Universidade da Califórnia, que ganhou notoriedade sob a alcunha de The Unabomber, com a qual coordenou uma série de atentados terroristas entre os anos de 1978 e 1995, visando alvos que ele considerava diretamente responsáveis pela degradação ambiental da região em que vivia e pela acelerada multiplicação dos meios tecnológicos da sociedade industrial. Sua história pede uma análise mais detida e ainda não contemplada por trabalhos brasileiros sobre assuntos afins.

O material central desta análise será o livro *A Sociedade Industrial e seu Futuro* (2015), de autoria do próprio Kaczynski, a partir do qual traçaremos paralelos com a bibliografia selecionada que nos permita uma visão crítica de abordagens sobre variáveis como “ser humano” e “natureza”, especificamente nas discussões a respeito das percepções humanas sobre a natureza, além de construções críticas sobre a modernidade e a sociedade industrial, sem, contudo, deixar de apontar os paradoxos e incongruências do autor em seus escritos.

A seleção dos materiais de suporte à análise se deu de modo a buscar os que menos apresentassem um caráter valorativo sobre as obras e ações do Unabomber, uma vez que muitos dos textos com os quais nos deparamos apresentavam elogios ao *modus* de tomada de ação do ativista. Diante do conteúdo propositivo dos conceitos apresentados pelo autor, recorreremos à literatura sociológica mais consolidada sobre os temas análogos a essas questões (inclusive de épocas semelhantes, reforçando o caráter conjectural dessas reflexões). Com isso, encontramos não apenas o arcabouço teórico com o qual pudemos analisar seus escritos, mas o ferramental que refuta suas ideias e revela sua concepção equivocada sobre diversas questões.

Uma opção metodológica importante em nossa análise é a de não transitarmos de forma valorativa sobre seus atos terroristas, que resultaram, inclusive, em mortes e feridos. Com isso, na presente análise enfocamos as problemáticas teóricas que emergem de seus escritos, que, a princípio, se propuseram a serem propositivos de uma mudança revolucionária do comportamento social, segundo os próximos termos do autor.

Além dessa fronteira do juízo de valor, outra dificuldade enfrentada diante de nossa bibliografia é que a maioria dos trabalhos sobre o assunto encontrava-se em inglês, fazendo-se necessário aqui, em alguns momentos, traduções próprias das citações utilizadas. Assim, o parco conteúdo em português sobre os episódios envolvendo o Unabomber e as diversas possibilidades de análise ensejadas por sua

forma de ativismo ambiental justificam, por si só, a realização desse artigo, que se propõe a uma análise sociológica de algumas das variáveis que se evidenciam a partir da leitura do texto de Kaczynski.

Em *A Sociedade Industrial e seu Futuro* – também conhecida como *Manifesto Unabomber* –, o autor constrói críticas a respeito do que chama de “sociedades tecnoindustriais”, a partir de uma sequência de variáveis que discorrem sobre os modos de vida e características da modernidade. Nem todas, contudo, servirão à presente análise, que enfocará aquelas mais ligadas às perspectivas de ser humano, natureza, coesão social, trabalho e alienação, degradação, reforma e risco. Assim, informações que não encontrarem centralidade nessa análise, mas que representam certa relevância para o entendimento geral do pensamento do autor, serão explicitadas em sucintas notas de rodapé.

Começemos, então, situando a figura controversa de Ted Kaczynski em meio à sociedade estadunidense entre as décadas de 70 e 90, anos mais ativos de sua militância; na sequência, partiremos para a construção de um breve perfil de sua figura para, em seguida, adentrarmos nos aspectos mais relevantes de análise de seu manifesto.

1. Panorama histórico

Considerando que o posicionamento e as ações radicais do ativista Ted Kaczynski estão relacionados com o seu tempo, um panorama histórico se faz necessário.

Nos EUA, a ascensão dos movimentos ambientalistas ocorreu na esteira das crises culturais e políticas, do movimento pelos direitos civis da população negra, da contracultura e do feminismo. Concomitantemente, a Guerra do Vietnã (1955-1975) continuava durante o governo de Richard Nixon (1969-1974) com a intensificação dos testes nucleares, onde substâncias químicas como o *napalm* e o agente laranja foram intensamente utilizadas contra as forças inimigas, áreas civis, bem como destruindo grandes áreas de vegetação nativa da região.

O mundo testemunhava a premência dos assuntos ambientais a partir da popularização de pesquisas científicas sobre o tema, que graças ao desenvolvimento metodológico e o auxílio da tecnologia revelavam altos índices de degradação ambiental, alterando a responsabilização humana diante dela. Uma das precursoras nesse movimento foi a ecologista Rachel Carson, autora do livro *Primavera Silenciosa* (*Silent Spring*, 1962), que denunciava o uso dos recém-lançados herbicidas e pesticidas na produção agrícola.

Do começo dos anos 70 data o *Relatório Meadows*, popularizado pelo título *Os Limites do Crescimento* (1972), tal como fora lançado no formato de livro. A obra resume a pesquisa realizada por cientistas do MIT (Massachusetts Institute of Technology) a pedido do Clube de Roma[1]. Combinando o cruzamento de cinco variáveis (população mundial, industrialização, poluição, produção de alimentos e esgotamento de recursos), ele apontou que a escala de crescimento das sociedades modernas era incompatível com as possibilidades do planeta. O estudo foi um marco, como uma das primeiras vezes em que se descolou as variáveis de desenvolvimento com a de crescimento econômico, mostrando ainda que elas não seriam interdependentes.

Na instância política institucional, pode-se considerar que a ação de maior impacto nas questões ambientais foi a Conferência das Organizações das Nações Unidas em Estocolmo, na Suécia, em 1972,

onde pela primeira vez o tema do meio ambiente teve papel central. Ainda que esvaziada pelas tensões da Guerra Fria, que limitou o número de países participantes, o evento marcou a criação do Dia da Terra e ensejou reuniões posteriores de debate sobre o tema.

Na sociologia, emergia a crítica sobre a ausência do componente ambiental nas análises sociais. O nascimento de uma sociologia eminentemente ambiental foi atribuída aos americanos William Catton e Riley Dunlap (1978), pioneiros na tentativa de superar o caráter antropocêntrico da disciplina. A partir deles, começa-se a desenvolver estudos que não apenas instrumentalizaram o meio ambiente como uma variável de análise, mas também desenvolvendo uma epistemologia ambiental no pensamento sociológico.

Sobre essa virada, James Rice (2013) nos ajuda a entender que a disciplina passara por uma paulatina rejeição da abordagem clássica, que remetia a Émile Durkheim, em que os fenômenos sociais só poderiam ser explicados por meio de outros fenômenos sociais. Esse “excepcionalismo humano frente à qualquer determinação ecológica” (p. 236) – ou antropocentrismo disciplinar – gerou, a partir do trabalho paradigmático dessa dupla, o que Rice chama de “problemática durkheimiana”, onde ficou evidenciado que essa divisão ontológica clássica obscurecia qualquer noção de entrelaçamento ou conjunção entre as esferas da natureza e da cultura.

A emergência temporal desse debate, contudo, teve na obra da dupla Catton e Dunlap o surgimento de uma sociologia que, a despeito de suas críticas, propôs, pela primeira vez, uma “análise teórica e empírica de interrelação entre o ambiente biofísico e a organização social humana” (RICE, p. 236). Sobre esse momento, o mesmo autor conclui:

A característica mais notável da sociologia ambiental é insistir há certo tempo que a disciplina está fortemente sobrecarregada por concepções antropocêntricas que obscurecem o reconhecimento da junção entre as sociedades humanas e as condições naturais e ecológicas [de existência] (2013:237)

Já Hannigan (*apud* COSTA FERREIRA, 2004) aponta duas causas para o tangenciamento do assunto pela sociologia: a primeira seria a percepção conservadora sobre os fenômenos sociais e a segunda, o entendimento encontrado na literatura econômica e sociológica sobre a modernização, de que as questões ambientais levantadas prejudicariam os desenvolvimentos nacionais. Com a emergência dos movimentos sociais, no entanto, as questões ambientais mostraram sua relevância e a sociologia ambiental ganhou importância ao estudar as questões ambientais e os conflitos com a natureza.

Contudo, nesse processo de mudança do “enredo ontológico (*ontological conundrums*) da disciplina” e reorientação para uma perspectiva mais holística (RICE, *op cit*), ela ainda despontava sem um arcabouço teórico consolidado. As primeiras teorias, como de Catton e Dunlap (*op cit*), tinham um caráter essencializador, e por isso receberam críticas de que tenderiam a “uma visão reducionista da política ambiental” e uma aproximação demasiada com ideias ambientalistas (COSTA FERREIRA, 2004: 81). Paradoxalmente, surgiam trabalhos que apontavam que “estas tendências ambientais poderiam ser revertidas se a mobilização ambientalista unisse forças suficientes, fazendo dela uma força progressiva *sui generis*” (*idem*).

A década de 80 foi marcada como uma era de acentuadas reformas neoliberais, incentivo à industrialização modernizadora e valorização do *american way of life*, que invisibilizaram muitas das produções acerca das questões ambientais (ZIMMERMANN, 1994:30). Data desses anos, contudo, a criação da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU (1983), que estabeleceria os termos para a realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992 no Rio de Janeiro.

No plano político, os EUA testemunharam a ascensão de figuras públicas que centralizavam o discurso ambientalista, apesar de forte reação contrária e do senso comum de descrença, como o político Al Gore, posteriormente vencedor do prêmio Nobel da Paz (2007) por sua militância nesse tema. Também surgiam os primeiros grupos de ativismo “radicais ecológicos” – de quem Kaczynski será derivado –, que defendiam o engajamento via ações diretas. O mais notório deles foi o *Earth First!*, cujo lema era “Sem barganhas em defesa da Mãe Terra!”, pioneiro em organizar atos de desobediência civil e sabotagem a ações de desmatamento.

Nos anos 90, observou-se a Eco-92, organizada pela ONU e realizada na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. À parte da grande publicidade e da presença de lideranças políticas, civis e técnicas do mundo todo, não faltaram críticas, como as do biólogo Barry Commoner[2], de que os discursos se limitaram à concordância geral da necessidade de se monitorar a poluição ao invés de desenvolver indústrias e modos de produção que não poluissem.

Ainda ancorados nas noções desenvolvimentistas, essas comissões e fóruns institucionais se mostravam preocupadas em resolver o paradoxo entre desenvolvimento e sustentabilidade, popularizado pelo espraiamento do chamado “desenvolvimento sustentável”. Assim, suas prioridades eram de solução desses problemas, a fim de garantir a continuidade de projetos de crescimento e modernização, sobretudo às nações em desenvolvimento.

Inserido nesse contexto, Ted Kaczynski iniciava sua atuação.

2. Biografia de Ted Kaczynski

O matemático Ted Kaczynski ficou conhecido pela alcunha de The Unabomber após enviar, entre os anos de 1978 e 1995, uma série de artefatos explosivos com a intenção de, segundo seus próprios termos, iniciar uma revolução contra o sistema tecnoindustrial. Capturado no ano de 1996 pelo FBI, hoje, aos setenta e três anos de idade, cumpre prisão perpétua em um presídio de segurança máxima no estado do Colorado.

Kaczynski ingressou na faculdade de Harvard aos dezesseis anos. Seu bom desempenho lhe rendeu, aos vinte e seis anos, o cargo de professor assistente na University of California (Berkeley). No entanto, já no início dos anos 70 e ao final de sua graduação, Kaczynski decidiu viver isoladamente nas florestas de Montana, segundo ele, à semelhança dos “homens primitivos”, caçando e plantando a própria comida em meio à natureza selvagem.

Em entrevista concedida à revista *Earth First! Journal* em 1999, Kaczynski explica que suas motivações nunca foram políticas e que seu objetivo principal era se manter em contato com a “natureza selvagem” de uma forma mais individualizada:

A verdade é que eu não era politicamente orientado. Eu teria preferido apenas viver na floresta. Se ninguém tivesse começado a fazer estradas ali, a cortar as árvores e entrar na região com helicópteros e motos de neve, eu teria apenas vivido ali e o resto do mundo que se virasse. Acabei me envolvendo em questões políticas porque eu fui levado a isso, por assim dizer. Não sou muito inclinado a essas questões (1999: p. 2) [3].

Sentindo que seu estilo primitivo de vida estava sendo profanado pelo sistema tecnoindustrial, Kaczynski decidiu agir para destruí-lo. Retornou à Chicago, e sua primeira bomba caseira foi direcionada a um professor da Northwestern University. Na ocasião, a bomba foi recebida por um segurança da universidade e falhou. As duas bombas seguintes foram enviadas à empresa aérea American Airlines e endereçadas ao presidente da companhia, novamente falhando. No entanto, essas ações atraíram a atenção do FBI, especialmente por se tratar de uma tentativa de ataque ocorrida no espaço aéreo, considerado um crime federal de acordo com as leis daquele país. A partir de então, Ted começou a ser caçado como um terrorista[4] dentro do solo americano.

Os locais escolhidos por Kaczynski para suas primeiras bombas lhe renderam o apelido de *Unabomber* – um acrônimo de *university and airline bombing* (“bombardeio de universidade e companhias aéreas”, em tradução direta). Em 1982, suas bombas se tornaram mais destrutivas e feriram gravemente uma secretária da Vanderbilt University e um professor da mesma University of California onde Kaczynski havia trabalhado. O primeiro assassinato ocorreu em 1985, quando uma bomba matou o dono de uma loja de computadores. Ao longo de vinte anos de atentados, o Unabomber matou três pessoas e feriu outras vinte e três.

A virada na história da procura pelo Unabomber se deu quando Kaczynski, cuja identidade permanecia protegida por uma organização obscura denominada Freedom Club[5], enviou aos principais jornais do país seu *Manifesto Unabomber*, sob a ameaça de perpetrar um novo ataque terrorista caso os veículos de imprensa recusassem a publicação. Dentre milhões de americanos que leram o manifesto impresso nas páginas dos principais jornais nacionais, David Kaczynski, irmão de Ted, reconheceu no texto o estilo e as ideias do irmão, denunciando-o às autoridades.

A prisão do Unabomber ocorreu em abril de 1996, em sua cabana em Montana. No local, foram encontradas uma bomba caseira já completa e outras partes de bombas em processo de montagem, além de aproximadamente quarenta mil escritos relatando seus atentados.

O julgamento de Ted Kaczynski foi marcado pela tentativa, por parte da defesa, de associá-lo a algum quadro psiquiátrico, mesmo o próprio réu negando a estratégia. Durante o julgamento, Kaczynski tentou o suicídio e isso contribuiu para a hipótese de esquizofrenia. Porém, ao final, o réu assumiu a autoria individual dos crimes e foi condenado à prisão perpétua.

3. A Sociedade Industrial e seu Futuro: um resumo

Após anos de atentados terroristas contra pessoas e instituições tidas por ele como responsáveis pela degradação do meio ambiente, culminando em três mortes e vinte e três feridos, o matemático Theodore Kaczynski conseguiu espaço na mídia para a divulgação do seu manifesto *A Sociedade Industrial e seu Futuro*. O manifesto foi publicado em 19 de setembro de 1995 por diversos jornais

americanos, como o *Washington Post*, a partir da ameaça do grupo *Freedom Club* de novos ataques, caso sua publicação fosse negada. O texto visava alertar os indivíduos sobre as consequências de se viver numa sociedade regida pelo sistema tecnoindustrial, apresentando como solução a destruição total desse modelo, a fim de reestabelecer o contato supostamente perdido entre o homem e a natureza.

Para o autor, a Revolução Industrial teria sido o germe da decadência do homem, um “desastre para espécie humana” (*idem*: p. 27), de modo que seu desenvolvimento provoca o afastamento entre o homem e a natureza e a perda da liberdade e da dignidade dos indivíduos e dos grupos humanos.

Segundo ele, todos os homens precisariam experimentar o processo de poder, entendido por ele como o controle sobre suas necessidades de subsistência: “Os seres humanos têm a necessidade (provavelmente de origem biológica) de experimentar o que chamaremos de *processo de poder*” (p.33). Assim, ele faz uma crítica de que, em uma sociedade tecnoindustrial, tal controle estaria concentrado no Estado, privando os indivíduos de exercerem sua autonomia e gerando, como consequência, diversos tipos de reações indesejadas no comportamento humano.

Quanto mais a tecnologia se desenvolver, menor será a liberdade do homem. Tal desenvolvimento tem a tendência de nunca retroceder, por isso, a solução apresentada pelo autor é a destruição total do sistema tecnoindustrial, e o meio de sua realização seria uma revolução, mas não nos fracos projetos reformadores dos ambientalistas mais populares (p. 114), tampouco o que os “esquerdistas” – segundo seus termos – chamariam de revolução. O autor acredita que essa não será uma revolução política, mas sim com o objetivo de “derrubar as bases econômicas e tecnológicas da sociedade industrial” (pp.28-29). Longe que erigir uma proposta de “sociedade contra o Estado”, em diversos outros momentos da obra, o argumento do autor parece idiossincrático, pouco taxativo à responsabilidade do capitalismo na construção dessa sociedade por ele criticada e leve até mesmo nas críticas às autoridades políticas, sobretudo de seu país.

Outro ponto possível de observação crítica é sobre a “questão psicológica” dos grupos sociais. Radicalmente contrário ao “comportamento esquerdista”, o autor discorre sobre o conceito de “sobressocialização” (pp. 41-46) para se referir aos indivíduos que seriam impregnados pela lógica das sociedades tecnoindustriais e presos às regras vigentes, que com seus atos reformadores (motivados pela culpa e por outros sentimentos de inferioridade, segundo ele) ajudariam o modelo a se reproduzir. Nessa lógica, situações como o machismo, o racismo e a homofobia, entendidas como rupturas ou brechas no sistema que o ameaçam de desmoronamento, são reparados através da ação dos esquerdistas que, ao fim e ao cabo, os inserem dentro da lógica do próprio sistema, aniquilando, segundo Kaczynski, seu potencial desagregador.

4. Rupturas e contatos: analisando o indivíduo e a natureza no Manifesto Unabomber

4.1 Ferramenta discursiva

Uma vez tendo localizado Ted Kaczynski em sua conjuntura, apresentado sua biografia e os propósitos que serviram de justificção aos seus atos terroristas e resumido as principais ideias de seu manifesto, nossa análise sobre sua figura se inicia pelo nível do discurso, a partir do uso do conceito de “*parresía*”, apresentado por DA SILVA (2014) no artigo *Unabomber, um parresiasta no Império*.

A noção de *parresía* surge inicialmente nas obras do poeta grego Eurípedes (480 a.C. – 406 a.C.) e significa “fala franca”, o que implica, por parte daquele que enuncia, “proferir a verdade” (*idem*: p. 82), não bastando apenas o valor verdadeiro da fala, mas a posição social ocupada pelo agente – o que, na democracia grega antiga, significava ser homem, livre e natural de Atenas.

A *parresía* se opunha ao pensamento cartesiano, sendo a verdade semelhante à crença e a fala validada pelo exercício da “atividade verbal” (p. 84). O *parresiasta*, apesar do prestígio ético de que goza, não se encontra em posição segura: ele julga ser mais importante falar a verdade do que a autopreservação, colocando em risco a própria possibilidade de tornar a falar pública. Sem intenção de convencer o ouvinte, o *parresiasta* tem como dever a disseminação da verdade.

Dessa forma, Da Silva traça uma associação entre a obra de Kaczynski e o exercício da *parresía*: sem deixar claro qualquer critério metodológico, que seria iniciado por uma clara teorização e conferência dos argumentos, o autor disserta sobre suas ideias acerca da sociedade tecnoindustrial e elabora um projeto de dissolução dela fundamentando exclusivamente em sua própria lógica interna, ainda que seu pensamento seja, como já apontado, evidente corolário de seu contexto. Assim, em vários momentos seus escritos se revelam opiniões, não argumentos.

Tampouco notamos em seu discurso qualquer esforço de convencimento do ouvinte. Pelo contrário, o espaço público como palco para suas falas foi conquistado através de atentados onde, em última instância, “o terror garantia a palavra pública” (PUGLIA *apud* DA SILVA, 2014:p. 82): “Para fazermos que nossa mensagem pudesse chegar ao Público, e que causasse nele uma duradoura impressão, tivemos de matar pessoas” – disse Kaczynski em certa ocasião (*op. cit.*: p.89). Assim, embora conquistado tal espaço, a radicalidade de sua fala compromete sua presença na “ágora moderna” e a reclusão à prisão perpétua pode ser entendida como sua expulsão do espaço público, para além da condenação legal de seus atos.

4.2 Concepções de natureza: da natureza selvagem à sociedade de risco

Nota-se ainda que as ações de Ted Kaczynski, embora impactantes e notórias, não foram baseadas em uma linha teórica original. A história do primitivismo nos Estados Unidos remonta há séculos anteriores, em períodos e locais ainda sob influência do puritanismo inglês, com figuras como Henry David Thoreau e Walt Whitman [6], literatos que não apenas valorizaram em suas obras os conceitos de *natureza selvagem* (*wild nature*) e vida natural, como experienciaram longo isolamento social em períodos em que viveram na floresta.

Embora o autor tente incessantemente valorizar o caráter inovador de seu trabalho, entendemos que sua crítica ao sistema tecnoindustrial e ativismo pela destruição desse sistema certamente não foram inovações trazidas pelo seu pensamento. Mais notadamente, encontramos na noção de “sociedade de risco”, desenvolvida pelo sociólogo Ulrich Beck, certo paralelo possível – certamente sem atingir o mesmo nível de teorização de Beck, mas pelo menos quanto ao alvo das críticas –, por enxergar no desenvolvimento da sociedade industrial a potencialização dos riscos, sobretudo ambientais, em nível global.

Publicado originalmente em alemão em 1986, a *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade* também foi um produto contextual, da queda do Muro de Berlim ao acidente nuclear de Chernobyl. Nele, o sociólogo apresenta os elementos da globalização que levariam à “democratização dos riscos” em diversos níveis: ecológicos, econômicos, sociais, etc (GUIVANT, 2001). Embora popular, a obra recebera críticas por não pontuar a acentuada transferência dos riscos das zonas mais industrializadas às menos desenvolvidas do planeta (o que torna sua experiência menos democrática), bem como por sua confiança aparentemente cega na capacidade pública da gestão dos riscos, que poderia surgir em substituição às instituições de controle de uma sociedade industrial, já incapaz de controlar devidamente essas ameaças (*idem*: p. 103).

Assim, a individualização em Beck é a tomada reflexiva da biografia pelo indivíduo. Após perder a segurança nas instituições tradicionais (igreja, trabalho, família, etc), a biografia passa a ser conscientemente planejada. Com isso, ele passa a ver a responsabilidade pelos atos como individual. Em termos mais gerais, os ambientes antes compartimentalizados na primeira fase da modernidade, agora possuíam fronteiras mais fluídas.

Em associação ao Unabomber, vale ressaltar o mesmo caráter de descrença diante da modernização, vendo-a como causa de um avanço técnico e científico prejudicial a diversas esferas da vida (amalgamada pela alcunha de “sociedade tecnoindustrial”, embora o termo nunca seja conceitualizado com precisão), bem como a mesma previsão negativa sobre a continuidade desse movimento global. Ainda assim, de certo há diferenças importantes a serem pontuadas entre as duas concepções, principalmente quanto ao fato de que, enquanto Beck vislumbra um movimento de individualização do cidadão moderno, que diante dos riscos e do perigo social refletem sobre as características dessa modernidade, Kaczynski, tal como se nota na citação a seguir, nos apresenta um indivíduo atomizado e apartado da vida social, que recorreria à saída primitivista:

O indivíduo, pelo contrário, é ameaçado por muitas coisas contra as quais está desamparado: acidentes nucleares, agentes cancerígenos na comida, contaminação ambiental, guerra, aumento de impostos, violação de sua vida privada por parte de grandes corporações, fenômenos sociais ou econômicos em grande escala que podem transformar seu modo de vida... (op. cit: p. 70).

Assim, a concepção de indivíduo por Theodore Kaczynski difere de Ulrich Beck pelo sentido que o ativista atribuiu à crise de identidade e à letargia dos indivíduos de sua época, fruto de uma sociedade tecnoindustrial, mais especificamente à dependência técnica que ela produz, justificando sua vontade de desestabilizá-la. Nesse contexto moderno, os indivíduos não poderiam mais experimentar os “processos de poder inerentes ao homem”, que consistiria em suprir suas necessidades através do esforço próprio, ficando nas mãos não apenas da tecnologia, como do Estado e das instituições que já não mais confiam. Por essa lógica, quando o indivíduo se encontra no “meio natural”, dependeria apenas de si mesmo para suprir suas necessidades e conseguiria estabelecer referências estáveis, visto que a Natureza tem uma mutabilidade bem menor que a sociedade moderna. A passagem para a sociedade industrial retira esses referenciais e torna o indivíduo dependente.

Mas o que Kaczynski irá chamar de individualismo revolucionário, autores como Anthony Giddens (1991), que também trabalhou com a percepção de risco social com a noção de “modernidade

reflexiva”, trataria como crise de legitimidade dos sistemas e instituições tradicionais na gestão dos riscos e da emergência dos atores na reflexão de saídas para essas questões. Exercícios de crítica e confrontação com um cenário de risco eminentemente fatal fizeram com que trabalhos nessa linha, em oposição ao que discorre Kaczynski, vissem ao menos a possibilidade de superação da modernidade nos termos de como ela se faz hoje.

4.3 Da separação entre natureza e cultura

Voltando ao primitivismo característico do Unabomber, seus escritos também revelam uma percepção essencializada sobre a natureza, escorregando num ideário edênico sobre o mundo natural. Exercendo seu pressuposto de *parresiasta*, tal qual explicitado anteriormente, Kaczynski mais uma vez foge de fontes comprobatórias para suas afirmativas, mas ultrapassa a opinião, extravasando-a numa concepção utópica de natureza. De fato, seu ideário sobre a vida no “mundo natural”, em cálculos de suposta satisfação e felicidade dos “povos primitivos”, não pode ser comprovado a partir de argumentos em nenhum momento da obra. Segue por esse mesmo caminho sua valoração dos “grupos tradicionais de pequena escala” (p. 59), sem se referir, mais uma vez, em detalhes sobre o que quer dizer com isso.

O mundo natural (que normalmente só se transforma lentamente) oferecia um marco de referência estável para as sociedades primitivas e, conseqüentemente, uma sensação de segurança. No mundo moderno, dá-se o contrário: a sociedade humana domina a Natureza, e a sociedade moderna transforma-se muito rapidamente, devido à transformação tecnológica. Por isso, não há um marco de referência estável (KACZYNSKI, op. cit: p. 49).

A proposta de radicalização de Kaczynski, de destruição dessa sociedade tecnoindustrial e restabelecimento da ligação entre humanidade e a natureza, parece não fazê-lo perceber que constrói uma visão um tanto quanto essencialista sobre a vida na natureza. Seus escritos, cujo cerne propositivo consiste em ideais de “retorno” à vida natural, também revelam sua inserção numa ontologia eminentemente moderna de separação entre as esferas da Natureza e da Cultura.

As discussões entre essa separação ontológica se tornaram, ao longo dos anos, paradigmáticas em áreas como a antropologia. Poderíamos voltar, com ela, à problemática durkheimiana da sociologia até o fim dos anos 70, como no já citado trabalho de Rice (2013). Mas para nosso presente objetivo, talvez seja o filósofo Bruno Latour quem ofereça uma descrição mais direta sobre a formação dessa concepção opositiva, apontando também suas problemáticas. Em “*Jamais Fomos Modernos*” (1994), o autor oferece uma desconstrução dessa simplificação referencial, apresentando tipologias do que chama de pensamento “pré-moderno, moderno e pós-moderno”, para então se ater à crítica dessa falaciosa “purificação crítica” da modernidade, que aventou a possibilidade de separar a realidade entre esferas da natureza e da cultura (p. 15). O autor não apenas refuta essa divisão simplista – através da negação de nosso caráter “moderno” *tout court* –, como salienta que tanto mais essa concepção ontológica for reforçada, mais proliferará o surgimento de elementos “híbridos”, ou seja, elementos “humanos e não-humanos” que se situam justamente nessas fronteiras erigidas pelas concepções ontológicas ocidentais.

Com isso, conseguimos nos distanciar metodologicamente da figura de Kaczynski para entender como ele também fora tributário do pensamento de sua época, embora reagisse a ela, de forma violenta,

inclusive. A todo momento seu discurso, que reforça o ideário de “retorno” a uma vida natural perdida, mostra que a natureza para ele é outra, elemento exógeno que deve ser buscado pela humanidade como conquista. Recai, assim, novamente num rasteiro argumento que parece revelar mais de suas opiniões do que concepções teóricas propositivas.

Quem também nos ajuda a entender melhor os problemas dessa percepção é Cronon (1996), que defende uma tese semelhante, com suas especificidades: de que os conceitos de natureza selvagem (*wild nature*) e vida selvagem (*Wilderness*) são constructos modernos, variáveis ao longo da história, negativizados nos tempos bíblicos e positivados apenas recentemente:

O conceito de *wilderness* não é bem o que parece. Longe de ser um lugar na Terra que se ergue apartado da humanidade, é, na verdade, uma criação profundamente humana – de fato, uma criação de culturas humanas muito particulares, em momentos muito particulares da história (Cronon, s/p) [7].

Essa contestação, que revela a fragilidade e o proselitismo dos escritos de Kaczynski, ainda nos possibilita entender que desde os textos bíblicos o *wilderness* foi utilizado de forma negativa, "antítese de tudo o que era bom e ordenado" (*idem*) ou em exemplos de "abandono, desolação, selvageria, esterilidade e desperdícios". Assim, escapa ao Unabomber que essa valoração positivada da natureza pela contemporaneidade se deu por meio de um processo de construção social eminentemente moderno. Essas mudanças se deram culturalmente a partir da segunda metade do século XIX, na esteira do Romantismo (do qual Thoreau e Whitman, autores citados anteriormente, foram diretamente influenciados), quando a *wilderness* começou a ganhar um caráter sacralizado, sinalizando o movimento subsequente de proteção da vida natural. O próprio Latour (*op. cit*) ressalta a função do Humanismo nessas construções conceituais da modernidade que começaram a valorizar a dimensão da natureza (p. 19). Concluindo essa discussão, voltamos a Da Silva (*op. cit*), que oferece um resumo sobre os problemas dessa visão:

De acordo com Moore, a noção de "natureza" é uma construção recente na história do pensamento, e *Sociedade Industrial e seu Futuro* persiste nos erros propagados por Rousseau e os ecologistas biocentristas de que há uma natureza humana original que antecede as sociedades, e que é possível resgatá-la. (DA SILVA, p. 67).

4. 4 Rupturas: a fenda metabólica

A partir disso, nossa análise sobre o *Manifesto Unabomber* observa que ele denuncia um rompimento da relação orgânica entre ser humano e natureza em termos semelhantes à “fenda metabólica” explicitada por Bellamy Foster (2011). Para este autor, seguindo uma perspectiva marxista de análise, o homem se relacionaria com a natureza através do seu trabalho; em uma relação equilibrada (não-alienada), essa relação proporcionaria uma troca metabólica completa e satisfatória entre ambos.

O que se daria diante do modo de produção capitalista seria uma quebra dessa relação metabólica, provocada pela alienação do trabalhador com o material e os frutos de seu trabalho – em última instância, uma “separação entre os trabalhadores e a terra, com o meio de produção” (*idem*, p. 88). Ademais, a evolução desse modo de produção provocaria, nos termos de Marx, um sistema de

“*Raubbau*” (ou “sistema de roubo”), caracterizado por uma usurpação da natureza e da riqueza pública (p. 90). Nessa relação entre os humanos e seu trabalho, a produção laboral por meio de relações não-alienadas teria a capacidade de desenvolver um processo de construção da subjetividade humana. No modo de produção capitalista, o modelo alienado quebra com essa possibilidade de subjetividade do humano através da feitura de seu trabalho, que agora lhe é alheio. Essa deturpação das relações acentua a fenda das trocas metabólicas entre os humanos e a natureza.

Em *Sociedade Industrial e seu Futuro*, Kaczynski se refere a algo semelhante ao falar em “atividades substitutivas” (p.49), em contraponto às “necessidades físicas vitais”: aquelas seriam prementes à “moderna sociedade industrial, [onde] é necessário somente um esforço muito pequeno para se ter satisfeitas as próprias necessidades” (p. 51), enquanto as “necessidades físicas vitais” seriam aquelas mais satisfatórias à plena realização humana e envolveriam a relação direta entre os indivíduos e a natureza:

A tecnologia moderna nega aos indivíduos a possibilidade de desenvolver e satisfazer plena e autonomamente suas tendências, capacidades e necessidades naturais; vale dizer, sua liberdade, inibindo ou pervertendo sua natureza. Priva-os totalmente da possibilidade de exercer controle sobre as condições que afetam suas próprias vidas e atenta contra sua dignidade, ao convertê-los em seres desamparados e completamente dependentes do Sistema. Obriga-os a viverem em condições antinaturais para as quais não estão biologicamente preparados (ruído, alta densidade populacional, ritmo de vida acelerado, rápidas mudanças no ambiente ao redor, ambientes hiperartificializados etc.). (*idem*: pp. 232-233).

Sua crítica se extrapola, contudo, até mesmo aos que chama de “esquerdistas”, vistos como “fruto da alienação, de um estado de debilidade e alheamento psicológico, frequentemente causado pelas condições de vida inerentes à sociedade industrial” (p. 232). Seguindo sua proposta de quebra radical com o sistema vigente (“revolução”, em seus próprios termos), aproxima-se da utopia socialista de ambientalismo chamada de “ecossocialismo”, explicado por Lowy (2013):

A crise econômica e a crise ecológica resultam do mesmo fenômeno: um sistema que transforma tudo - a terra, a água, o ar que respiramos, os seres humanos - em mercadoria, e que não conhece outro critério que não seja a expansão dos negócios e a acumulação de lucros. (*idem*. s/p).

Relacionando o que em termos marxistas chamamos de “modos de produção” com a degradação ambiental, tal crítica será traçada por Kaczynski em termos muito semelhantes, porém com destaque ao que ele chama de “aspectos tecnológicos” das sociedades industriais. A conclusão de ambos, contudo, é de que não há solução dentro dos marcos do sistema. Por esse motivo, Kaczynski propunha que:

A sociedade tecnoindustrial deve ser combatida, e não reformada, porque atenta inevitavelmente contra a autonomia do funcionamento dos sistemas não artificiais, ou seja, da Natureza selvagem, tanto externa quanto interna aos seres humanos. (KACZYNSKI, op. cit: p. 224).

Conclusão

A partir dessa rápida leitura sobre a vida e as ações protagonizadas por Ted Kaczynski, um professor universitário que se isola em meio à floresta e começa a empreender atos terroristas contra

aqueles que entende como responsáveis pela degradação ambiental de sua região, visamos entender um pouco mais sobre os aspectos conjunturais que formaram certas vertentes do ambientalismo chamadas de radicais.

Associado por alguns aos movimentos de *deep ecology* (ecologia profunda) e outros, como o neoludismo, o anarcoprimitivismo e ainda os movimentos anticivilizatórios[8], o que percebemos é que, a despeito do impacto de seus atos, potencializados pela cobertura midiática muito mais do que pela escala de suas ações, Kaczynski se apresentou como um dos únicos a cruzar a fronteira do ativismo ao terrorismo ambiental, apesar de não ter sido o pioneiro desse tipo de ação direta.

Empreendendo uma análise teórica de seus escritos, notamos que, quando colocados de lado com algumas teorias que transitam por temas análogos, escancara-se a fragilidade de seus argumentos e o caráter eminentemente normativo de suas linhas.

Por fim, vale ponderar que a figura de Ted Kaczynski parece sintetizar algumas das problemáticas sociais das civilizações ocidentais modernas, incluindo aspectos de anomia e exclusão social que infelizmente não pudemos analisar de forma mais detida nesse artigo. Dessa forma, ainda que explorando um campo pouco visitado pelos estudos brasileiros interessados pelas questões ambientais e afins, essa primeira análise sobre essa figura só nos mostra que outros aspectos ainda podem ser explorados. 🌱

NOTAS

* Os autores, à época da submissão, cursavam o 8º período do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: juliaalvesc@hotmail.com; vi_volcof@hotmail.com; yurimarcosadc@gmail.com

[1] Grupo criado em 1966, composto por intelectuais de diversas áreas, interessados em pensar assuntos prementes e desafios das sociedades e da vida modernas, com um histórico de envolvimento na problematização das questões ambientais.

[2] Conforme visto em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-historia-do-movimentoambientalista>.

[3] Tradução livre do trecho: “*The honest truth is that I am not really politically oriented. I would have really rather just be living out in the woods. If nobody had started cutting roads through there and cutting the trees down and come buzzing around in helicopters and snowmobiles I would still just be living there and the rest of the world could just take care of itself. I got involved in political issues because I was driven to it, so to speak. I’m not really inclined in that direction.*” - Ted Kaczynski, em entrevista à *Earth First! Journal*.

[4] Ainda que seja um termo bastante popularizado no mundo atual, entendemos que uma breve definição de terrorismo se faça necessária. Segundo SILVA e SILVA (2009: 397), “o terrorismo é a ação armada contra civis; é a violência usada para fins políticos, não contra as forças repressivas do Estado, mas contra seus cidadãos”. Desse modo, os atos perpetrados por Theodore Kaczynski podem se encaixar na categoria de terrorismo revolucionário, pois entendida “como ferramenta para a instalação de uma revolução” (Ibidem). Não há necessidade, no entanto, de uma coincidência entre revolução e ideais progressistas, como bem exemplifica o caso tratado.

[5] *Freedom Club* foi a alcunha sob a qual o *Manifesto Unabomber* foi enviado aos principais jornais dos EUA. Embora alguns analistas da obra acreditem que o grupo tinha outros membros, tendo sido Ted o único a ser preso e ter a identidade conhecida, a versão apresentada por ele em seu julgamento foi

de que o clube surgira como uma fachada para preservar melhor sua identidade e de que ele era seu único membro.

[6] De Thoreau, ver *Walden* (LP&M, 2010) e *Desobediência Civil* (LP&M, 1997). De Whitman, ver *Folhas da Relva* (Editora Illuminuras, 2005).

[7] Tradução livre do original: “*wilderness is not quite what it seems. Far from being the one place on earth that stands apart from humanity, it is quite profoundly a human creation—indeed, the creation of very particular human cultures at very particular moments in human history.*”

[8] Para aprofundar-se nessas diferentes vertentes do ambientalismo, não abordadas por motivos de coesão do artigo e limitação de espaço, recomendamos a leitura de: UNGER, N. M. *Os fundamentos filosóficos do movimento ecológico* (1991); MELO E SOUZA, R. *Visões da natureza x Vertentes do ambientalismo*. (s/d); OLIVEIRA, V. S. *História e história ambiental: as rupturas e os avanços nas relações homem-natureza* (2009); PADUA, J. R. *Herança romântica e ecologismo contemporâneo: existe um vínculo histórico?* (2005).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. P. de. **Detonando a sociedade tecnológica: Unabomber, um rebelde explosivo.** Revista de História Regional, v. 5 n. 1, pp. 203-223. 2000.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade.** Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010. 368 p.

BELLAMY FOSTER, J. **A Ecologia da Economia Política Marxista.** [S.l.] Lutas Sociais, n. 28, pp.87-104.

COSTA FERREIRA, L. **Ideias para uma sociologia da questão ambiental – teoria social, sociologia ambiental e interdisciplinaridade.** Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 10, pp.77-89, jul/dez.2004. Editora UFPR.

CATTON, W. R. & DUNLAP, R. E. **Environmental Sociology.** Annual Review of Sociologia, 243, 73. 1979.

CRONON, William. **The Trouble with Wilderness, or Getting Back to the Wrong Nature.** In *Uncommon Ground. Rethinking The Human Place in nature.* 1996-1995. Disponível em: <<http://www.annewhistonspirn.com/pdf/uncommon-ground.pdf>>

DA SILVA, E. V. **Unabomber, um parresiasista no Império.** Revista Ecológica, n. 10, set-dez, pp. 50-92. 2014.

GUIVANT, J. S. **A Teoria da Sociedade de Risco de Ulrich Beck: entre o diagnóstico e a profecia.** Estudos Sociedade e Agricultura, 16 de abril, 2001: pp. 95-112

KACZYNSKI, T. **The Earth First! Journal, Liberal Politics and Ted Kaczynski Walk into a Bar.** Março, 2013. Entrevista. Disponível em: <<http://earthfirstjournal.org/newswire/2013/03/25/the-earth-first-journal-liberal-politics-and-ted-kaczynski-walk-into-a-bar/>>.

_____. **A Sociedade Industrial e seu Futuro.** Tradução: Rui C. Mayer. 1º edição, Editora Baraúna, São Paulo: 2015.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Tradução: Carlos Irineu da Costa. Editora 34, Rio de Janeiro: 1994.

LOWY, Michel. **Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista.** Cad. CRH vol.26 no.67 Salvador Jan./Apr. 2013.

RICE, James. **Further Beyond the Durkheimian Problematic: Environmental Sociology and the Co-Construction of the Social na the Natural.** Sociological Forum, 28 (2), 236. 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Terrorismo. Verbete: terrorismo.** In: Dicionário de Conceitos Históricos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 397-400.

ZIMMERMANN, Michael E. **Contesting Earth’s Future: Radical Ecology and Postmodernity.** University of California Press, California: 1994. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?hl=ptPT&lr=&id=3eBLapnpKcC&oi=fnd&pg=PR9&dq=ZIMMERMAN,+Michael+E.+\(1994\).+Contesting+Earth%E2%80%99s+Future:+Radical+Eco](https://books.google.com.br/books?hl=ptPT&lr=&id=3eBLapnpKcC&oi=fnd&pg=PR9&dq=ZIMMERMAN,+Michael+E.+(1994).+Contesting+Earth%E2%80%99s+Future:+Radical+Eco)>.

Recebido em 19/04/2016

Aprovado em 08/08/

